

*Torcidas*

FUNDAÇÃO EDITORA DA UNESP

*Presidente do Conselho Curador*

Mário Sérgio Vasconcelos

*Diretor-Presidente / Publisher*

Jézio Hernani Bomfim Gutierre

*Superintendente Administrativo e Financeiro*

William de Souza Agostinho

*Conselho Editorial Acadêmico*

Divino José da Silva

Luís Antônio Francisco de Souza

Marcelo dos Santos Pereira

Patricia Porchat Pereira da Silva Knudsen

Paulo Celso Moura

Ricardo D'Elia Matheus

Sandra Aparecida Ferreira

Tatiana Noronha de Souza

Trajano Sardenberg

Valéria dos Santos Guimarães

*Editores-Adjuntos*

Anderson Nobara

Leandro Rodrigues

HANS ULRICH GUMBRECHT

*Torcidas*  
*O estádio como ritual de intensidade*

Tradução e posfácio  
Nicolau Spadoni



© 2023 Editora Unesp

© Vittorio Klostermann GmbH, Frankfurt am Main, 2020

Título original: *Crowds. Das Stadion als Ritual von Intensität*

Direitos de publicação reservados à:  
Fundação Editora da Unesp (FEU)  
Praça da Sé, 108  
01001-900 – São Paulo – SP  
Tel.: (0xx11) 3 242-7171  
Fax: (0xx11) 3 242-7172  
www.editoraunesp.com.br  
www.livrariaunesp.com.br  
atendimento.editora@unesp.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva – CRB-8/9410

---

G974t Gumbrecht, Hans Ulrich

Torcidas: o estádio como ritual de intensidade / Hans Ulrich Gumbrecht; tradução e posfácio por Nicolau Spadoni. – São Paulo: Editora Unesp, 2023.

Tradução de: *Crowds: Das Stadion als Ritual von Intensität*

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-5711-204-5

1. Filosofia. 2. Sociologia do esporte. 3. Torcidas. 4. Cultura popular. I. Spadoni, Nicolau. II. Título.

2023-1414

CDD 100

CDU 1

---

Editora afiliada:



Asociación de Editoriales Universitarias  
de América Latina y el Caribe



Associação Brasileira de  
Editoras Universitárias

para Ricky  
com profunda gratidão pelos  
trinta anos silenciosos de futebol americano em Stanford,  
juntos,  
e 33 anos cheios de vida.



## Sumário

1. Estádios vazios 9
2. As massas de estádio 21
3. Desprezo às massas 35
4. Massas do passado 51
5. Na torcida – lateralmente:  
enxames, neurônios-espelho, primatas 67
6. Na torcida – verticalmente:  
corpos místicos, intensidade, transfiguração 81
7. O estádio como ritual de torcida 99
8. *You'll Never Walk Alone*  
(Dortmund, 23 de março de 2016) 113

Nota do tradutor 121



# 1

## Estádios vazios

Admito que deve ser não somente algo parecido com um vício, deve ser de fato um vício – na melhor das hipóteses, um vício secundário. Dói-me, no sentido literal do termo, ter de passar na frente de estádios famosos, especialmente de estádios onde jogam grandes times, sem poder parar e perguntar se há visitas guiadas ou outras opções para conhecer o interior deles. Por isso, quando chegamos a uma cidade pela primeira vez, minha esposa, nossas duas filhas e até meus dois filhos amantes de esportes sempre estiveram dispostos a gastar tempo considerável para evitar passar por estádios. Por um lado, sua intenção é bem-intencionada, mas, por outro, eles também conseguem, desse modo, se proteger de empolgados monólogos que simplesmente não consigo conter, mesmo sabendo que não interessam a ninguém.

Portanto, é um golpe de sorte para todos os envolvidos quando me deparo com um estádio – ou, quando há tempo, o conheço – sozinho. Foi bem o que aconteceu no final de 1990, quando fui a Buenos Aires para dar algumas palestras (até hoje,

minha principal razão para viajar) e reservei uma longa tarde para ir ao bairro La Boca, atração turística da antiga área portuária. La Boca teve um papel especial na história do tango e, com as fachadas de ferro ondulado de suas casas, às vezes pintadas, às vezes desgastadas, torna palpável, até hoje, a atmosfera do final do século XIX, quando a cidade se tornou uma metrópole internacional com o fluxo de várias ondas de imigração. Naquela época, muitos europeus queriam vir à América do Sul, e sobretudo à Argentina, para ver o continente e o país do futuro. Além disso, essa parte de Buenos Aires abriga o estádio La Bombonera, inaugurado em 1940 e pertencente ao Boca Juniors – certamente o mais popular e, ao lado do River Plate, o mais bem-sucedido clube do futebol argentino.

Depois do Uruguai, que foi medalhista de ouro e defendia o título da edição anterior, foi sobretudo a seleção argentina, nos Jogos Olímpicos de 1928, em Amsterdã, que elevou o futebol ao nível de uma fascinação internacional – e, já nessa época, o Boca Juniors jogava onde atualmente fica a Bombonera. O nome (obviamente não oficial) do estádio vem de sua semelhança com uma “caixa de bombons” e refere-se a três arquibancadas particularmente íngremes (especialmente as duas atrás dos dois gols) que cercam um campo relativamente pequeno (suas dimensões atingem por pouco o tamanho mínimo exigido pela Fifa), e seu peculiar efeito de profundidade visual enfatiza um quarto lado plano, originalmente aberto, e que hoje é reservado para camarotes. A arquitetura resultante, que se desenvolveu ao longo das décadas e nunca foi de fato planejada, também explica a acústica que tornou a Bombonera famosa – e infame para os times visitantes. Ainda mais barulhento que o Monumental de Núñez – um estádio maior, de construção mais convencional,

inaugurado em 1938 e que pertence ao River Plate, grande rival do Boca e clube da classe alta de Buenos Aires –, o espaço da Bombonera reúne os mais belos momentos da história do futebol argentino. Apesar de ter sido no Monumental que a Argentina venceu sua primeira Copa do Mundo, em 1978, após uma final contra a Holanda e no auge de uma brutal ditadura, foi na Bombonera que Diego Armando Maradona se tornou uma estrela e teve um camarote até o fim de sua vida. Superando Lionel Messi, Maradona continua sendo o argentino mais popular e, para mim, ao lado de Mané Garrincha – da histórica geração brasileira de 1958 e 1962 –, a mais elevada personificação do carisma futebolístico.

É claro que, por mais fascinante que seja o tango, fui para La Boca por causa do estádio, de modo que guardei o melhor de minha visita para o final da tarde. Ansioso, comprei um ingresso para o Museu do Boca Juniors, apesar da nem tão secreta convicção de que os movimentos de um esporte e a intensidade dos eventos de um estádio dificilmente podem ser transmitidos por meio das bolas de couro ou das camisas desbotadas, e nem sempre conseguem ser tão interessantes nas cenas documentais – geralmente em preto e branco – que são exibidas em várias telas (justamente porque lhes falta mostrar a abertura de possibilidades para o desfecho do jogo). Não fiquei nem um pouco preocupado ao ouvir que a última visita guiada do dia já estava em andamento. Pelo contrário, eu sabia que uma modesta gorjeta posta nas mãos certas seria suficiente para me dar acesso particular, no momento certo, às três arquibancadas.

E foi o que aconteceu. Não consigo mais me lembrar de quantos *australes* (a moeda argentina de então) foram, mas o jovem de macacão azul escuro e amarelo a quem os dei passou

imediatamente a me chamar de *caballero* e também a lançar mão de toda sorte de tratamentos formais, que ia alternando, e com os quais ele visivelmente não estava acostumado. A Bombonera me dominou. Suas arquibancadas se erguem tão abruptamente que cada passo desencadeia um excitante temor de que se possa tropeçar, escorregar, cair. Da última fila acima do gol mais distante da entrada abria-se uma visão igualmente íngreme para baixo. Ali, de fato ali, o jovem Maradona – que ainda estava ativo na Espanha naquele início dos anos 1990 – havia jogado. Uma longa história do futebol pairava sobre o estádio e se tornou palpável em sua importância nacional, embora eu conhecesse somente alguns poucos nomes e datas. Na minha imaginação, as arquibancadas vazias se encheram com 50 mil torcedores e com o som de seus cantos, que eu ainda nunca tinha ouvido.

Mas, de repente, no começo da noite, as luzes do estádio se apagaram. Nunca ficou explicado se fora um dos habituais apagões ocorridos à época em Buenos Aires ou se os funcionários do Boca quiseram me esquecer. Não me atrevi a pular o alto portão de metal, então fechado, que separava o campo e as arquibancadas das caixas registradoras, das lojas e do museu. E por que deveria? Não costumava fazer frio de noite naquela época do ano. Além do mais, eu dificilmente me preocupo com perigos que não vejo ou que desconheço. Então, ajeitei-me no meio da arquibancada atrás do gol mais distante para poder me sentar, ou me deitar de modo meio contorcido, e entreguei-me à fantasia dos mais infantis desejos e suas imagens: bolas enfiadas para Diego Maradona; cantei junto a milhares de torcedores do Boca no final da década de 1940, nos tempos de Juan Domingo e Evita Perón, e também do grande Alfredo di Stéfano, que, inclusive, jogou pelo River. Não tive momento

algum de tédio naquela noite, e devo ter acordado cedo com a primeira luz da manhã e ao ruído de grandes pássaros pretos (assim sugere minha memória). Dez horas sozinho no estádio vazio foram antes um sonho realizado que um pesadelo, e a sensação era a de que eu havia me tornado parte de uma história, como se aquela noite fosse meu batismo em uma comunidade. Logo vi, à distância, o mesmo homem de macacão azul e amarelo destrancar o portão de metal. Ele não parecia surpreso nem assustado, e lhe dei mais um punhado de *australes*. “Gracias, caballero.” Não tive problema algum para encontrar um táxi de volta ao hotel no centro da cidade, onde o café da manhã ainda estava sendo servido.

Desde então, fiquei sabendo que não estou sozinho em meu vício em estádios vazios. Sempre que possível para alguém que mora na Califórnia (ou seja, raramente mais de uma vez por ano), gosto de ir ver o Borussia Dortmund, time de futebol para o qual torço, jogar em seu famoso estádio – e foi lá que encontrei, nas últimas vezes, meu amigo Jochen. É justamente com Jochen – que vê o jogo de maneira muito diferente, com muito mais competência analítica do que eu, e que, aliás, não é torcedor do Dortmund – que vou ao *lounge* logo após o fim do jogo, o que me é permitido pelo ingresso que comprei, e bebo minha segunda cerveja do dia (e do ano) – e é aí que Jochen sempre quer voltar às arquibancadas, o que é possível, mas provavelmente não é permitido. Nós dois acendemos mais um cigarro (também proibido) e olhamos para o gramado, exaustos, mas também empolgados. O entorno do gramado, no local em que, meia hora antes, mais de 80 mil pessoas estavam sentadas ou de pé, ocupando todos os lugares sem deixar nenhum espaço livre, como um único corpo místico, agora está quase ostensivamente

vazio. Com brilho reduzido, as luzes ainda estão acesas, e, em lugar dos jogadores em belo movimento, três ou quatro funcionários estão à beira do campo consertando o gramado.

Nenhum outro estádio vazio desperta em mim (e em tantas outras pessoas) tanta intensidade quanto o de Dortmund, talvez por nenhum ficar tão inteiramente coberto por pessoas, mesmo quando se chega meia hora antes de o jogo começar. Nunca vejo espaços livres na Tribuna Sul, a extensa arquibancada geral atrás de um dos gols. Na segunda metade da minha vida, devo confessar (e que difícil é essa confissão para mim), o time de futebol americano da Universidade de Stanford, onde lecionei por 29 anos, provavelmente se tornou, para mim, ainda mais querido que o Dortmund. De tempos em tempos, eu tinha um jogador do time em minhas aulas, alguns dos quais eu havia inclusive ajudado a convencer a estudar conosco e jogar por nós. Mas, embora o belo e compacto estádio de Stanford esteja sempre lotado, com mais de cinquenta mil ingressos vendidos nos jogos em casa, sempre é possível encontrar algumas fileiras desocupadas (os passes de temporada só são oferecidos a ex-alunos, com prioridade aos que forem doadores), e nós, torcedores, não fazemos barulho o suficiente, de modo que os torcedores dos times adversários chamam nosso estádio de “A Biblioteca” – o que é extremamente constrangedor para mim.

Também me decepcionei com uma visita guiada ao Santiago Bernabéu, estádio do Real Madrid – onde eu, por ter ido bastante à Espanha em meados dos anos 1970, vi jogar gente como Günter Netzer e Vicente del Bosque no meio de campo –, porque todos os comentários da visita, por mais que fossem interessantes, e até mesmo a descida ao vestiário, distraíam minha tentativa de imaginação daquele estádio lotado. Por outro lado,

experiência tão empolgante quanto as vividas no estádio do Dortmund e na Bombonera eu só me lembro de ter tido no estádio Centenario de Montevideu. Ele foi aberto em 1930, em comemoração ao centésimo ano da fundação do país, e justamente cinco dias antes da final da primeira Copa do Mundo, em que, a 30 de julho, o Uruguai venceu a Argentina por 4 a 2, diante de 93 mil espectadores. Também lá me sobreveio o sentimento de vir a ser parte de uma história para mim quase desconhecida, que estava conservada naquelas paredes, e que me acolheu.

Mas como esse fascínio por estádios vazios pode ser não apenas descrito, mas de fato explicado? É notável que raramente os estádios mais famosos estejam – como a princípio se poderia esperar, por motivos práticos – na periferia das grandes cidades. Muitas vezes eles foram literalmente engolidos pelo desenvolvimento das cidades e, de algumas décadas para cá, delineou-se uma tendência de trazer os estádios para a proximidade de centros urbanos, mesmo apesar dos altos preços imobiliários. Ali, eles – que, fora dos dias de jogo, são espaços meio que inativos – são cercados pelo incessante fluxo da vida cotidiana. São uma variante secular do espaço sagrado, retirado (esse é precisamente o significado da palavra latina *sacer*) e reservado para breves momentos de realização de rituais, por exemplo, e sobretudo – quando pensamos nas catedrais da Idade Média e nas igrejas católicas até hoje – a produção da presença real de Deus na Festa da Eucaristia.

Apesar dessa afinidade entre estádios e locais de culto, não estou de modo algum renovando a tese demasiado artificiosa (e provavelmente pouco acurada) de que o esporte para espectadores de hoje em dia tenha se tornado um equivalente funcional da religião. Assim como o vazio e o silêncio da catedral,

o vazio do estádio durante a semana também contrasta com a intensidade de seus recorrentes períodos ritualísticos – e esse momento específico é a duração da partida. O estádio demarca, mais claramente e também mais vezes do que os espaços religioso-sagrados, os limites entre seu interior, na medida em que este é o lugar de um acontecimento ritualístico, e as diferentes dimensões dos mundos exteriores. Em dia de jogo, passamos por catracas para o interior do estádio e encontramos nosso lugar designado; as equipes sobem para se aquecer no campo vazio, um outro limiar – e o deixam novamente para seus últimos preparativos nos vestiários; elas então retornam ao campo juntas; muitas vezes demarcam a iminência do início do jogo cantando o hino nacional; e repetem a dupla travessia das linhas, indo e voltando, mais uma vez, no começo e ao final do intervalo, antes de deixarem o campo em definitivo ao fim do jogo.

No entanto, na duração de uma partida – e nisso reside o contraste com as igrejas e religiões –, o interior do estádio se torna um palco compacto para uma forma condensada da vida terrena – nada poderia ser menos transcendente. Após o início do jogo, que é um acontecimento previamente estabelecido e bem delimitado (apito do juiz, pontapé inicial), há abertura, decisão, estratégia, destino e ressonância – que se aproximam e se afastam de nós. Tudo, a vida inteira, inclusive nós mesmos, está então reunido dentro do estádio, e não fora, e os alcances limitados da completude da vida e do ser se põem em indissolúvel oposição ao vazio do estádio durante a semana. É justamente nessa duplicidade que o estádio torna presente o que Martin Heidegger certa vez disse ser a “verdadeira” questão filosófica – que não poderia ser respondida pelo homem –, a saber, a questão de por que existe algo em vez de nada. É claro que “tornar

presente” essa questão não significa “apresentá-la” ou “representá-la”. Jogos em estádio não são nem metáforas nem alegorias para investigações ou problemas filosóficos – e nada, de fato, seria mais prejudicial para a intensidade da experiência de estádio do que a muito diferente intensidade da reflexão filosófica. Mas, assim como a Bombonera, por uma noite, permitiu que eu fizesse parte das histórias cujos nomes e datas eu não conhecia, a concentração em um jogo envolve um sentimento de relevância incondicional, em que a dignidade da “verdadeira” questão filosófica se adensa.

Portanto, não pode existir num estádio um evento sem espectadores justamente porque o evento, na medida em que é um ritual da plenitude da vida, depende do contraste com o estádio vazio, cujo estatuto particular remete de volta à imaginação de uma abundância de espectadores – e, em comparação a isso, o apoio barulhento dos torcedores aos jogadores se torna uma questão menor (e estatísticas mostram que a efetividade da chamada “vantagem de jogar em casa” historicamente tem diminuído). É claro que se pode acompanhar e analisar um jogo sem espectadores nos meios de comunicação (e até mesmo no estádio), mas, desse modo, ele não será, nem em sua realidade nem em seu efeito sobre os telespectadores (tanto *ontológica* quanto *existencialmente*), o que ele pode e deve ser enquanto ritual. E é exatamente segundo essa premissa de um potencial específico do evento em estádio que a torcida se comporta; os milhares no estádio não se comportam como uma enorme coleção de indivíduos cuja conduta se determina pela média de múltiplos comportamentos individuais.

As multidões de espectadores mostram ser um fenômeno inteiramente diferente, que não deve ser confundido com um

*grande indivíduo*, por assim dizer, nem ser reduzido à mentalidade de um suposto *homem-massa*. É também esse estatuto particular da torcida que traz o estádio vazio ao nosso sentimento e à nossa vivência sem torná-lo apreensível. E é exatamente disso que tratarão minhas considerações, isto é: conceitos, teses e argumentos que descrevam os contornos e possam trazer à compreensão um tipo específico de comportamento humano – o comportamento das multidões. Essa é uma preocupação minha de longa data, e não apenas porque sou viciado em estádios vazios, mas também porque passei alguns dos melhores momentos da minha vida como parte de torcidas – por exemplo, e principalmente, como parte da Tribuna Sul em Dortmund. Jamais me senti amedrontado por lá, por mais que, com a idade mais avançada, os funcionários do estádio e meus amigos começassem a alertar que aquele já não deveria mais ser o meu lugar. Por outro lado, não quero romantizar as multidões com os olhos cheios de lágrimas. Sua afinidade com atos de violência coletiva não pode ser negada, e esta é até, possivelmente, a única forma de comportamento pertencente a ela da qual podemos, empiricamente, ter certeza. No entanto, até o momento me mantenho firme na convicção de que a afinidade com a violência não é suficiente para uma descrição de seu comportamento.

Como já dito, o assunto me preocupa há muito tempo, mas também alcançou uma dupla atualidade e evidência durante as semanas em que eu escrevia este texto (e eu levei muito tempo até começar a escrevê-lo). Em um primeiro momento de conscientização da ameaça que o coronavírus representava, houve, globalmente, um curto período de transição em que os eventos em estádio, sobretudo por razões econômicas (para receber a renda gerada pelos direitos de transmissão), foram substituídos pelos

jogos sem torcida. Os eventos esportivos com presença maciça de espectadores desapareceram em quase todo o mundo, o que, em primeiro lugar, parecia confirmar a opinião de seus poucos inimigos públicos remanescentes de que eles sempre foram uma coisa menor da vida; e, em segundo, também pareceu antecipar a exigência de que, em um mundo pós-corona, tivéssemos que relegar, por um bom tempo, o esporte de espectadores a estádios vazios.

Mas na Alemanha, em especial, as primeiras ideias para a criação dos jogos sem torcidas surgiram não apenas devido ao risco de contágio, mas também pelo surgimento de um acalorado confronto entre, de um lado, clubes da primeira divisão, junto a seus patrocinadores e a Federação Alemã de Futebol (ou seja: a Bundesliga) e, de outro lado, aqueles grupos de torcedores que partilham de uma paixão incondicional pelas respectivas equipes, são tendencialmente propensos à violência e gostam de se chamar de *torcidas organizadas*. Com ações orquestradas, as organizadas de várias equipes atacaram, quase literalmente, o patrocinador do TSG 1899 Hoffenheim, Dietmar Hopp, bilionário dono da SAP. “Quase literalmente” porque os grupos de torcedores em vários estádios haviam mostrado cartazes em que se via o rosto de Hopp sobreposto por um alvo. Dignitários da federação de futebol, dirigentes dos clubes e também uma grande parte dos jogadores reagiram como se os torcedores tivessem de fato atirado em Hopp e exigiram, além de uma interrupção imediata das ações, um pedido de desculpas. Eles o conseguiram, dentre outros, das organizadas do Schalke 04, que, como uma pequena vingança, também pediram desculpas a todas as prostitutas por terem chamado Hopp de “filho da puta”.

É claro que os protestos já não eram mais sobre Dietmar Hopp. Ele servia apenas como símbolo aglutinador, como um

alvo simbólico de antipatia – e não como seu verdadeiro objeto. Antes, relevadas as rivalidades entre os clubes, veio à tona, da parte das organizadas, um sentimento ao mesmo tempo forte e vago de que sua presença e o estilo de comportamento que traziam aos estádios não eram mais bem-vindos. Ninguém foi capaz de descrever essa presença e esse comportamento das torcidas com precisão suficiente para que pudesse ter havido uma discussão efetiva (em oposição à mera troca de acusações), ou mesmo negociações produtivas – nem os dirigentes e as autoridades, que estavam exclusivamente fixados no aspecto da violência, nem as próprias torcidas, porque elas não se expressam por meio de conceitos. E é de tal possibilidade de descrever e entender o comportamento das multidões, mesmo que de forma rudimentar, que quero tratar aqui.